

UNIVERSIDADE  
**CATÓLICA**  
DE PERNAMBUCO



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL**

**SERGIO LUIZ CARVALHO MOZDZENSKI JUNIOR**

**DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS AOS ARRANHA-CÉUS:  
UM ESTUDO SOBRE O IMPACTO DA URBANIZAÇÃO NA  
ORLA DE OLINDA (1970-1985)**

**RECIFE-PE**

**2023**

**SERGIO LUIZ CARVALHO MOZDZENSKI JUNIOR**

**DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS AOS ARRANHA-CÉUS:  
UM ESTUDO SOBRE O IMPACTO DA URBANIZAÇÃO NA  
ORLA DE OLINDA (1970-1985)**

Relatório técnico para apresentação de produto à banca do Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva.

**RECIFE-PE**

**2023**

M939d      Mozdzenski Junior, Sergio Luiz Carvalho  
              Dos conjuntos habitacionais aos arranha-céus : um estudo  
              sobre o impacto da urbanização na orla de Olinda (1970-1985)  
              / Sergio Luiz Carvalho Mozdzenski Junior, 2023.  
              57 f. : il.

              Orientador: Maria do Rosário da Silva.  
              Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica  
              de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História.  
              Mestrado Profissional em História, 2023.

              1. Olinda (PE) - História. 2. Fotografia - Olinda (PE).  
              3. Urbanização - Olinda. 4. Cidades e vilas. I. Título.

CDU 981.34

Pollyanna Alves - CRB4/1002

## FOLHA DE APROVAÇÃO

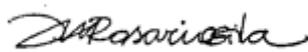
**SERGIO LUIZ CARVALHO MOZDZENSKI JUNIOR**

**DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS AOS ARRANHA-CÉUS: UM ESTUDO  
SOBRE O IMPACTO DA URBANIZAÇÃO NA ORLA DE OLINDA (1970-1985)**

Trabalho de Conclusão de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado Profissional da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

**Data da Aprovação - 21/03/2023**

**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva (Orientadora e Presidenta da Banca)

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)



Prof. Dr. José Adilson Filho (Titular Externo)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim (Titular Interno)

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

**RECIFE**

**2023**

Dedico esse trabalho ao povo olindense, que sempre recebeu esse carioca de nascença, mas recifense de coração, de braços abertos.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, por me dar forças para continuar estudando e evoluindo como ser humano, através da educação, do amor e do conhecimento.

Agradeço à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Maria do Rosário da Silva, pela dedicação, apoio e orientação segura que me dedicou durante esse caminho.

Agradeço com amor à Cristiane, minha companheira de vida, pela sua participação durante o período em que me dediquei à pesquisa, pelo seu incentivo, ajuda e pelo carinho.

Agradeço ao meu enteado e filho Pedro, pela paciência e compreensão, ao tempo em que me dediquei à escrita.

Agradeço à minha amada mãe Juraci, que sempre foi um exemplo de dedicação e apoio à família.

Agradeço emocionado ao meu amado pai Sergio, já falecido, que me ensinou a levar uma vida baseada na ética, no caráter e no amor ao próximo.

Agradeço ao meu irmão querido Leonardo, que sempre me apoiou em continuar os estudos, independentemente da idade.

Agradeço imensamente à contribuição dos professores Helder Remigio de Amorim e José Adilson Filho, por estarem presentes na banca de qualificação e de defesa.

Agradeço aos professores e coordenadores do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco, pela disposição em sempre ajudar e pela gentileza.

Agradeço à equipe do Arquivo Público Municipal Antônio Guimarães, de Olinda, pelo apoio recebido e pela disponibilidade de ajudar. Em especial, a Alexandre Alves Dias, pela dedicação em contribuir com minha pesquisa.

“A economia atual não é apenas uma arte  
de estabelecer empresas lucrativas,  
mas uma ciência capaz de ensinar os métodos  
de promover uma melhor distribuição do bem-estar coletivo.”  
(Josué de Castro)

## RESUMO

O aumento populacional na cidade de Olinda, após os anos de 1960, refletiu em inúmeras transformações urbanas e sociais no cotidiano dos moradores. Como exemplo, as ações antrópicas que aconteceram na orla da cidade, que ocasionaram o alargamento de vias, para receber o maior fluxo de veículos, assim como a verticalização da paisagem, com a construção de arranha-céus, para abrigar novos moradores, fruto da crescente especulação imobiliária na região, sobretudo nos bairros de Casa Caiada e Rio Doce. Assim, tomando-se como base a relação entre história e imagens, tivemos como objetivo produzir um e-book com as fotografias da orla de Olinda, entre os anos de 1970 e 1985, período precípua dessa fase mais abrupta de transições, analisando registros de imagens captadas à época, que nos permitem compreender os aspectos urbanos, sociais e culturais, e ao mesmo tempo, a alteração paisagística daquele espaço. Nosso eixo teórico adentra na História Cultural, com suporte de pesquisadores que analisam as imagens e o estudo das cidades, como Ana Maria Mauad, Boris Kossoy, Peter Burke, Sandra Pesavento e Virgínia Pontual. A metodologia se deu através de uma análise iconográfica de fotografias que estão disponíveis no Arquivo Público Municipal de Olinda Antonino Guimarães, Fundação Joaquim Nabuco, dentre outros.

**Palavras-chave:** Olinda. Cidades. História. Fotografia.

## ABSTRACT

The population increase in the city of Olinda, after the 1960s, reflected in numerous urban and social transformations in the daily lives of residents. As an example, the anthropic actions that took place on the edge of the city, which led to the widening of roads, to receive a greater flow of vehicles, as well as the verticalization of the landscape, with the construction of skyscrapers, to house new residents, as a result of the growing real estate speculation in the region, especially in the neighborhoods of Casa Caiada and Rio Doce. Thus, based on the relationship between history and images, we aimed to produce an e-book with photographs of the Olinda waterfront, between the years 1970 and 1985, the main period of this most abrupt phase of transitions, analyzing records of images captured at the time, which allow us to understand the urban, social and cultural aspects, and at the same time, the landscape alteration of that space. Our theoretical axis enters Cultural History, supported by researchers who analyze images and the study of cities, such as Ana Maria Mauad, Boris Kossoy, Peter Burke, Sandra Pesavento e Virgínia Pontual. The methodology was based on an iconographic analysis of photographs that are available at the Municipal Public Archive of Olinda Antonino Guimarães, Joaquim Nabuco Foundation, among others.

**Keywords:** Olinda. Cities. History. Photography.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da cidade de Olinda .....	11
Fotografia 1 - Mocambos na orla de Olinda.....	13
Fotografia 2 - Visitantes caminhando pela orla, com banhistas ao fundo .....	13
Fotografia 3 - Primeiros conjuntos habitacionais, em Olinda – “A” .....	18
Fotografia 4 - Primeiros conjuntos habitacionais, em Olinda – “B” .....	18
Fotografia 5 - Orla de Casa Caiada, Olinda/PE.....	22
Fotografia 6 - Praia de São Francisco após o Fortim do Queijo.....	23
Fotografia 7 - Restaurante Samburá, vista frontal.....	27
Fotografia 8 - Proteção contra o mar e pedras ao fundo.....	32
Fotografia 9 - Praia de Casa Caiada .....	33
Fotografia 10 - Prédios na orla de Casa Caiada.....	36
Fotografia 11 - Avanço do mar: praia dos Milagres – “A”. .....	37
Fotografia 12 - Avanço do mar: praia dos Milagres – “B” .....	37
Fotografia 13 - Avanço do mar: praia dos Milagres – “C” .....	38
Fotografia 14 - Orla de Casa Caiada .....	42
Fotografia 15 - Vítimas da enchente da Ilha do Maruim, recolhidos em abrigos da Prefeitura .....	45

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1. Um banho de mar reservado às elites .....</b>	<b>11</b>
<b>1.2. Olinda em crescimento.....</b>	<b>14</b>
<b>2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA .....</b>	<b>29</b>
<b>3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO.....</b>	<b>48</b>
<b>4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO.....</b>	<b>49</b>
<b>5. APLICAÇÃO DO PRODUTO .....</b>	<b>50</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES .....</b>	<b>52</b>
<b>8. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>
<b>9. ANEXO - MOSAICO DO E-BOOK.....</b>	<b>57</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como motivação pessoal o fato de eu ter uma enorme ligação afetiva com Olinda. Uma região que costumava ser local de fartos almoços dominicais, de veraneio na casa de familiares e de divertidas prévias carnavalescas, em minha infância e adolescência.

Unido a essas afetuosas lembranças, reside o fato de eu ser um apaixonado por fotografia, tendo frequentado cursos como o Candela, em Casa Forte, e participado de workshops de fabricantes de câmeras como a Canon e a Sony, que me ajudaram a adquirir uma nova forma de pensar, ao capturar ou analisar uma imagem.

Assim, aliando os estudos de fotografia e acompanhando as diversas transformações que ocorreram na cidade de Olinda, ao longo dos anos, e em especial, da sua orla, com os constantes impactos nas mudanças estruturais em sua paisagem, tive como motivação realizar uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema, aproveitando os estudos da imagem, como ponto de partida para o presente trabalho de mestrado.

Dentre as principais mudanças que pude observar, a maioria foi promovida através de obras de alargamento da Avenida Beira Mar, chamada de Avenida Ministro Marcos Freire, trecho que se estende ao longo do bairro de Casa Caiada. Foram alterações urbanísticas que resultaram, dentre diversos fatores, no acelerado processo de verticalização da área.

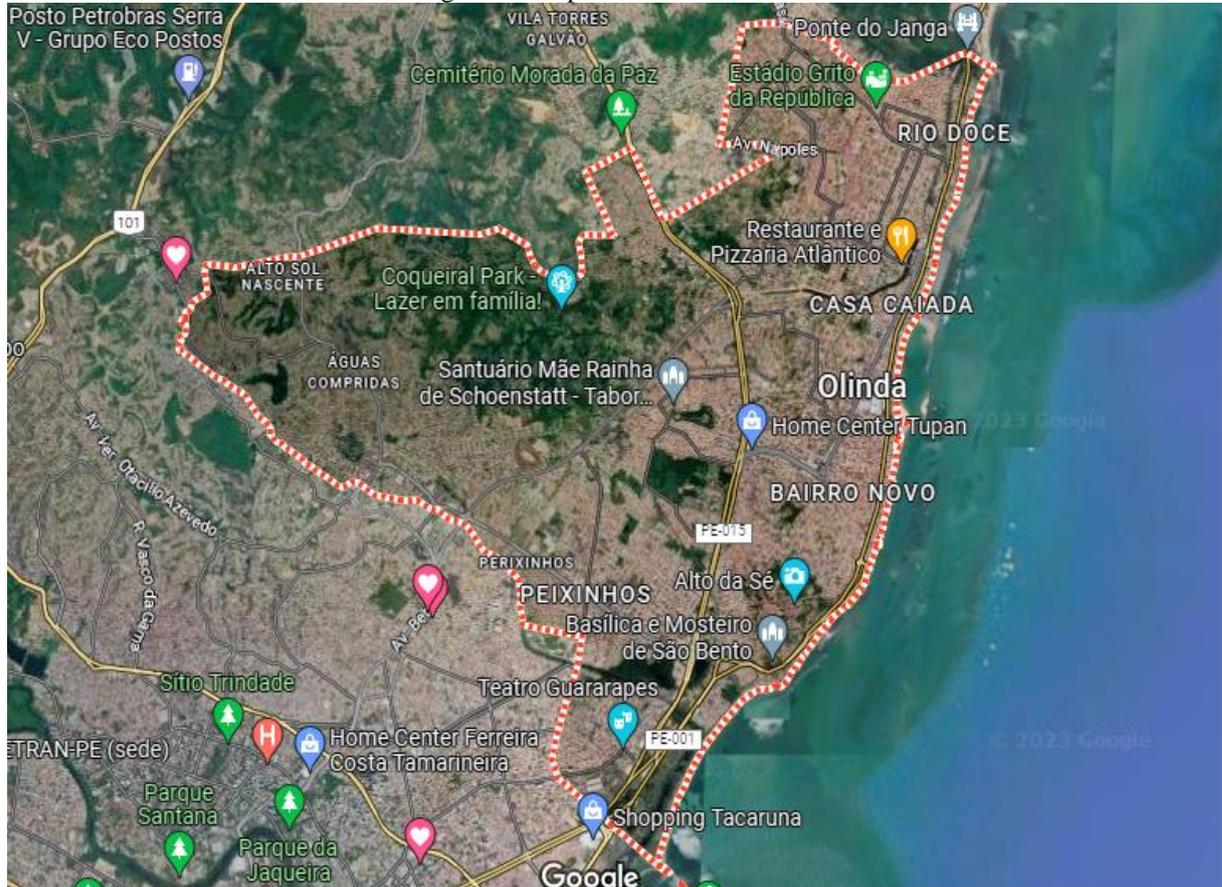
Contudo, conforme verificamos em nossos estudos, a construção desses edifícios não aconteceu, por acaso. Esse processo foi fruto de um projeto de urbanização que se iniciou nos anos 70 e se intensificou ao longo da década de 80.

São essas modificações, que geraram profundas alterações do espaço paisagístico local, especialmente na orla, que serão discutidas em nosso e-book, formato que escolhemos para divulgar o nosso produto de maneira simples, objetiva e atual.

Segundo o site da Prefeitura de Olinda, no que diz respeito aos aspectos urbanos e geográficos atuais, a cidade tem uma população estimada em 393.734 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sendo a 3ª maior população de Pernambuco e a 58ª do país. Olinda também dispõe de uma densidade demográfica de 9.063,88 habitantes por km<sup>2</sup>, sendo a maior do estado e quinta maior do Brasil. Territorialmente, a cidade possui 43,55 km<sup>2</sup>, onde 9,73 km<sup>2</sup> fazem parte das Zonas Especiais de Proteção Cultural e

Urbanística (ZEPEC), com 1,89 km<sup>2</sup> da ZEPEC 1 (Sítio Histórico) e 7,84 km<sup>2</sup> do Entorno do Sítio Histórico. Olinda possui uma área urbanizada de 36,73 km<sup>2</sup>, correspondente a 98% do município, e 6,82 km<sup>2</sup> de área rural, o que faz dela uma cidade eminentemente urbana.

Figura 1 - Mapa da cidade de Olinda



Fonte: Terra Métrica (2023)

### 1.1 Um banho de mar reservado às elites

Na década de 1950, o litoral de Olinda, e em especial o bairro de Casa Caiada, apesar das primeiras residências, ainda se apresentava como uma paisagem rústica, onde se viam apenas mocambos de palha de coqueiro ao longo da praia, sem construções de moradia fixa.

A área era um enorme terreno de areia, sem estradas pavimentadas e sem infraestrutura necessária. Sua principal atração era a praia, cujos principais frequentadores, além dos pescadores da região, eram turistas da vizinha cidade do Recife, em busca de um lugar tranquilo para tomar banho de mar e se refrescar no verão, conforme observamos nas próximas fotografias.

Assim, os bairros do Carmo e dos Milagres passaram a ter um elevado número de habitantes (NOVAES, 1990). Contudo, pudemos notar um aumento na população de Olinda de maneira acentuada a partir da década de 1950, que contava com 62.535 habitantes, tendo passado para 196.342 em 1970 e 282.203 em 1980. Ou seja, a cidade cresceu mais de 100% em relação ao número populacional.

Na década de 1950, os banhos de mar no bairro de Casa Caiada, em Olinda, eram um verdadeiro evento social. As praias eram frequentadas por famílias inteiras, que se reuniam para desfrutar do sol, do mar e da companhia uns dos outros. As crianças brincavam na areia enquanto os adultos conversavam e tomavam banho de mar.

O bairro de Casa Caiada, em particular, era conhecido por suas águas tranquilas e rasas, ideais para banhos de mar seguros e agradáveis. As famílias costumavam levar toalhas, guarda-sóis e alimentos para passar o dia na praia, fazendo piqueniques e apreciando a paisagem.

Vale lembrar que a década de 1950 foi um período de grandes desigualdades sociais no Brasil. Embora as praias de Olinda fossem frequentadas por pessoas de todas as classes sociais, a maioria das famílias que desfrutavam dos banhos de mar na Casa Caiada eram de classes mais abastadas.

Para o geógrafo brasileiro Milton Santos, as praias são um exemplo da desigualdade espacial que existe nas cidades brasileiras. O autor enfatiza a importância de se compreender as desigualdades espaciais como parte fundamental da formação da sociedade brasileira. Ele argumenta que essas desigualdades são o resultado de um sistema econômico e social que favorece certos grupos em detrimento de outros (SANTOS, 1992).

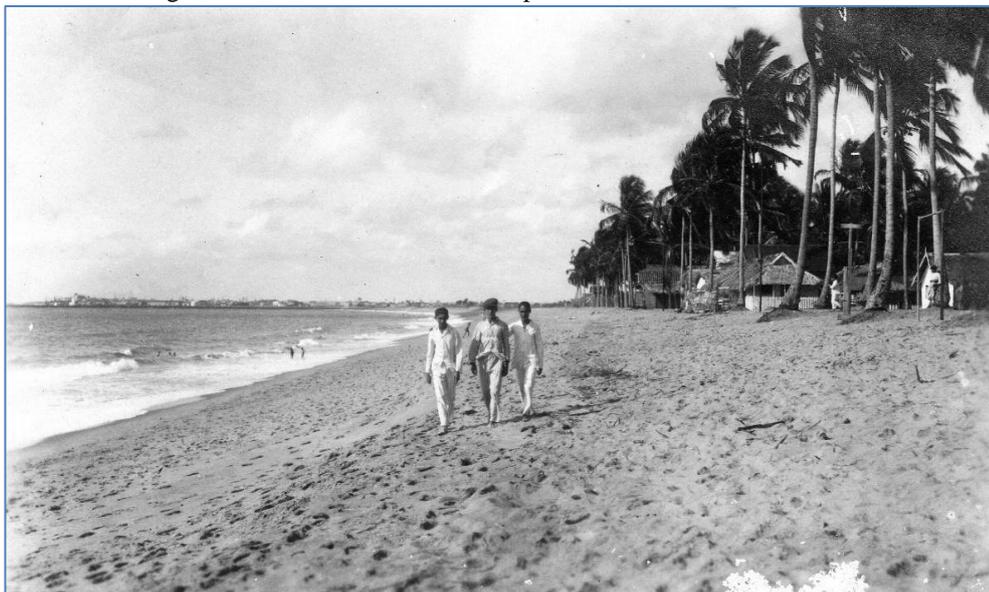
No caso dos banhos de mar em Casa Caiada na década de 1950, uma análise de Milton Santos sobre a desigualdade espacial, no Brasil, é especialmente relevante. Embora a praia fosse um espaço de lazer e relaxamento para muitas pessoas, seu acesso era limitado a uma pequena parcela da população, que tinha condições financeiras para sair de Recife, por exemplo, e frequentar esses locais (Fotografias 1 e 2).

Fotografia 1 - Mocambos na orla de Olinda



Fotógrafo: Marcel Gautherot  
Fonte: Instituto Moreira Salles (2023)

Fotografia 2 - Visitantes caminhando pela orla, com banhistas ao fundo



Fotógrafo: Marcel Gautherot  
Fonte: Instituto Moreira Salles (2022)

## 1.2 Olinda em crescimento

O Brasil, durante a virada do século XIX para o XX, passou por uma explosão populacional em grandes centros urbanos. Só a cidade de São Paulo recebeu quase 200 mil pessoas a mais na primeira década do século XX. Esse período foi fortemente influenciado pelas ideias higienistas, levadas a cabo pelo Poder Público, através de leis e normatizações que criavam diretrizes e normas regulamentadoras para os espaços habitacionais e seus vários aspectos sanitários.

O período da Ditadura Militar, particularmente, promoveu uma valorização das opiniões técnicas que tiveram origem nas estruturas habitacionais brasileiras. Segundo a arquiteta e professora Virgínia Pontual, o interventor Agamenon Magalhães apresentava, como uma das principais linhas de ação do Estado Novo em Pernambuco, o combate aos mocambos. Eles eram habitações que passaram a ser vistas, depois da década de 1920, como tipos primitivos de casas populares e como objetos de intervenção estatal. Como contraposto, apareceram “as habitações higiênicas, operárias ou de pequeno valor” (PONTUAL, 2001, p. 427).

Em relação à Olinda, o crescimento populacional na cidade repercutiu no desenvolvimento de atividades econômicas e de ensino: houve a criação da Faculdade de Olinda, a criação de bairros através do financiamento do Banco Nacional de Habitação, em 1964, que resultou na construção de bairros, como Rio Doce, Ouro Preto, Vila Popular, Jardim Brasil (NASCIMENTO, 2008). Territorialmente, este aumento populacional fez com que a cidade se modificasse, sendo a orla de Olinda um dos locais que mais sofreu com estas transformações, especialmente com a construção de edifícios, iniciando o processo de verticalização da beira mar olindense.

O tema da verticalização em Casa Caiada foi abordado pela pesquisadora Michele Kely Moraes Santos, em sua dissertação de Mestrado em Geografia, *A expansão da verticalização no bairro de Casa Caiada, Olinda/PE (1990 a 2015)*, quando a autora descreve que antigos mocambos foram destruídos neste bairro para dar espaços aos arranha-céus.

Assim, não obstante a realidade litorânea brasileira, a valorização imobiliária do bairro de Casa Caiada, no que tange a sua orla, se deu em função de incentivos imobiliários. As parcerias com os diversos agentes estatais, promoveram o financiamento habitacional e de maneira morosa a implantação de obras de infraestrutura na orla marítima. (SANTOS, 2016, p. 22)

No entanto, a verticalização foi apenas um dos aspectos que modificaram a orla. Com a construção de calçadas, bancos, praças e avenidas, o cenário dos moradores que também foi alterado.

Henri Lefebvre, historiador e um dos fundadores da Escola dos Annales, teorizou sobre a Modernidade e suas implicações. Ele acreditava que a Modernidade não se limitava a uma simples mudança de época ou estilo de vida, mas sim a uma nova forma de pensar e agir, resultante de um conjunto complexo de transformações sociais, políticas e econômicas (LEFEBVRE, 1969).

Lefebvre também ressaltava a relação entre a Modernidade e o Capitalismo. Para ele, o Capitalismo era uma das principais forças que impulsionaram a Modernidade, mas também a corromperam. Lefebvre entendia que a busca incessante pelo lucro, característica do sistema capitalista, havia levado a uma desumanização das relações sociais e a uma degradação do meio ambiente.

Nesse sentido, podemos dizer que a Modernidade e o Capitalismo são conceitos que se opõem em diversos aspectos. Enquanto a Modernidade se refere a um processo amplo e complexo de mudança de mentalidade e comportamento, o Capitalismo é um sistema econômico que se baseia na acumulação de capital e na busca pelo lucro. A Modernidade busca a liberdade, a igualdade e a fraternidade, enquanto o Capitalismo se fundamenta na competição e na busca individual pelo sucesso.

De fato, a relação entre Modernidade e Capitalismo é ambígua e complexa. Por um lado, o Capitalismo impulsionou o desenvolvimento tecnológico e científico, possibilitando a expansão do conhecimento e a melhoria da qualidade de vida de muitas pessoas. Por outro lado, ele também gerou desigualdades sociais, degradação ambiental e uma crescente desumanização das relações.

Assim, podemos concluir que a Modernidade e o Capitalismo não são necessariamente opostos, mas apresentam contradições que precisam ser enfrentadas. É necessário repensar o modelo econômico atual, buscando um equilíbrio entre o desenvolvimento humano e o crescimento econômico, para que, assim, possamos avançar rumo a uma sociedade mais justa e sustentável.

Nos dias atuais, a efemeridade das relações do cotidiano costuma nos consumir de forma tão intensa, que deixamos de perceber mudanças de diferentes nuances que vão acontecendo ao

nosso redor. Como, por exemplo, as transformações da paisagem urbana do próprio local em que vivemos, ou que costumamos frequentar.

Quando observamos as alterações estruturais experimentadas pela cidade de Olinda, em especial, pelo bairro de Casa Caiada, nas últimas décadas, constantemente somos acometidos de uma sensação de surpresa, que, às vezes, beira a incredulidade. O bairro, que há décadas vivencia uma notável expansão, impulsionada não só pelo setor de comércio e serviços, como pelo processo de especulação imobiliária, tem se tornado um modelo, não necessariamente positivo, desse acelerado processo de transição.

O processo de verticalização da paisagem de uma cidade, decorrente da construção de elevados edifícios residenciais, ou empresariais, em detrimento às antigas casas e terrenos que existiam na região, deve, em si, fazer parte de um estudo planejado, que analisa, num largo espectro, as melhores soluções urbanísticas para determinado local, porém, que às vezes, ignora questões, como as ambientais e sociais, durante a sua confecção.

Projetos que carecem, voluntária ou involuntariamente, de uma maior análise técnica sobre todos os fatores contidos em seus relatórios, podem trazer mais prejuízos do que benefícios à população e à cidade, como um todo.

A verticalização é, com certeza, um dos grandes responsáveis pelas alterações morfológicas e funcionais de amplos segmentos da paisagem urbana, criando solos superpostos, possibilitando a sua multiplicação (MACEDO, 1987). A partir da reprodução do solo, surgem novas possibilidades para abrigar as pessoas, em função do, geralmente, rápido aumento da densidade demográfica nas cidades.

Ao verticalizar a cidade, concentramos mais pessoas em um mesmo espaço territorial, o que necessita de planejamento urbano comprometido com o bem-estar da sociedade e, conseqüentemente, com a qualidade do ambiente. Obras de infraestrutura básica, saneamento, vias públicas, transportes, lazer etc., são essenciais na garantia de um planejamento justo.

Para garantir qualidade de vida para a sua população e futuras gerações, seria necessário que as cidades trilhassem o caminho do planejamento sustentável, por meio de políticas governamentais, cujos programas, projetos e ações tratassem o meio ambiente através de uma concepção que abarcasse os valores históricos, culturais, sociais, econômicos, paisagísticos e humanos.

A diminuição, ou perda, da qualidade de vida de uma cidade está geralmente atrelada a projetos, que priorizam o aproveitamento dos espaços, levando-se em consideração, unicamente, aspectos financeiros e gananciosos das grandes empreiteiras, que se utilizam do discurso da modernização, para alcançar o lucro, ainda que atropelando leis e regulamentos de determinado município.

No caso de Olinda, entre os anos de 1970 e 1985, a cidade passou por acelerado processo de urbanização, capitaneado pelas obras de construção de diversos conjuntos habitacionais na região (Fotografias 3 e 4). Obras estas iniciadas, de forma mais lenta, na década anterior. Esses conjuntos habitacionais foram construídos, com o incentivo do governo federal, através do Banco Nacional de Habitação (BNH), com o objetivo de atender às demandas de moradia da população de baixa renda da cidade, que cresceram rapidamente nesse período.

Entre os principais conjuntos habitacionais construídos em Olinda nessa época estão o Conjunto Habitacional de Peixinhos, o Conjunto Habitacional de Aguazinha e o Conjunto Habitacional de Ouro Preto. Esta informação foi comentada por Eliane Maria Vasconcelos do Nascimento, em sua tese de doutorado - *Olinda: uma leitura histórica e psicanalítica da memória sobre a cidade* (2008), da seguinte forma:

Nesse período o crescimento demográfico de Olinda, com a implantação desses novos conjuntos habitacionais. Em 1950, a cidade contava com 62.435 habitantes e em 1970, passou para 196.342, segundo o censo do IBGE [...] Sua população triplicou em apenas três décadas, experimentando um crescimento imenso, algo completamente novo e secular em sua história. Olinda passou a contar com novos bairros e, conseqüentemente, nova população. (NASCIMENTO, 2008, p. 257)

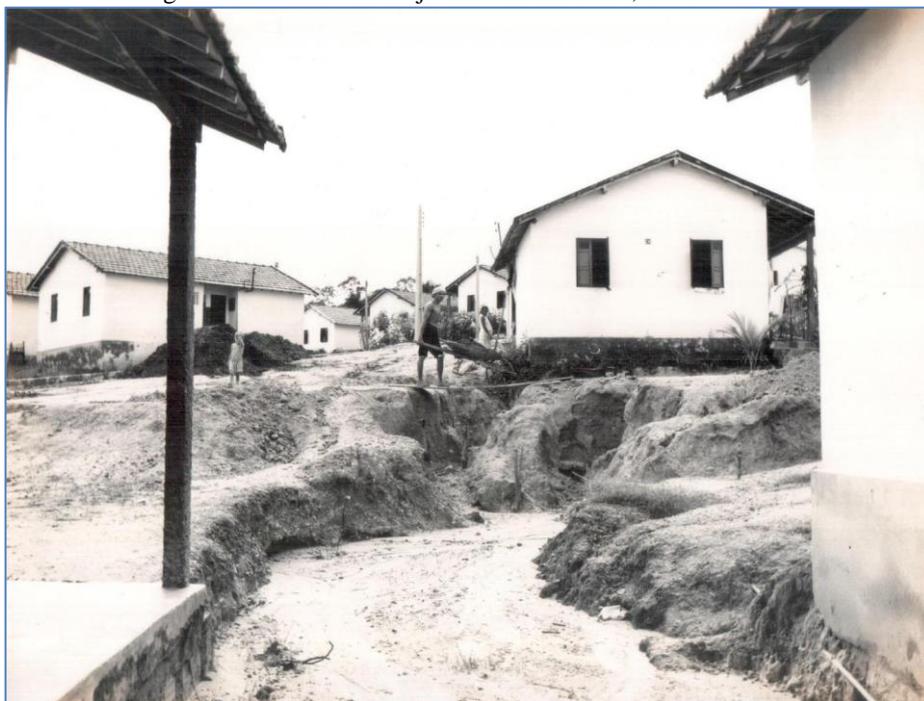
Apesar de terem sido uma solução para o problema habitacional da cidade, esses conjuntos enfrentaram diversos desafios ao longo dos anos, incluindo problemas de infraestrutura, como falta de saneamento básico e de áreas verdes, além de problemas de segurança pública (NOVAES, 1990).

Além disso, muitos desses conjuntos habitacionais acabaram se tornando foco de criminalidade e violência, o que contribuiu para a estigmatização dessas áreas e para a criação de uma imagem negativa dos moradores desses conjuntos.

Hoje em dia, muitos desses conjuntos habitacionais ainda existem em Olinda, porém a maioria recebeu reformas e melhorias para tentar solucionar os problemas enfrentados ao longo dos anos. Ainda assim, é importante que, constantemente, sejam tomadas medidas para

garantir que esses conjuntos forneçam condições aceitáveis de vida para seus moradores, para que deixem de ser áreas consideradas marginalizadas e estigmatizadas.

Fotografia 3 - Primeiros conjuntos habitacionais, em Olinda – “A”



Fotógrafo: Não identificado.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda - Antonino Guimarães (196-?)

Fotografia 4 - Primeiros conjuntos habitacionais, em Olinda – “B”



Fotógrafo: Não identificado.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda - Antonino Guimarães (196-?)

A fim de contextualizar o cenário sociopolítico da época, citaremos um trecho de Leonardo Botega, a respeito da criação e dos objetivos iniciais do Banco Nacional de Habitação (BNH):

Em 1964, após o Golpe Militar que derrubou o governo João Goulart, o novo governo que se estabeleceu criou o Sistema Financeiro de Habitação juntamente com o Banco Nacional de Habitação (SFH/BNH) com a missão de ‘estimular a construção de habitações de interesse social e o financiamento da aquisição da casa própria, especialmente pelas classes da população de menor renda.’ (BOTEGA, 2007, p. 66-72)

Botega ainda explica que, à época, tentava-se conter e reduzir as pressões inflacionárias que afetavam o Brasil, no final do governo João Goulart, e que a ativação da construção civil era uma forma encontrada para superar a crise.

Porém, Botega revela, a seguir, que a política do BNH mascarava, na verdade, um interesse que envolvia o lucro, através do capital imobiliário e seus agentes privados:

O BNH desde a sua constituição teve uma lógica que fez com que todas as suas operações tivessem a orientação de transmitir as suas funções para a iniciativa privada. O banco arrecadava os recursos financeiros e em seguida os transferia para os agentes privados intermediários. Algumas medidas inclusive demonstravam que havia ao mesmo tempo uma preocupação com o planejamento das ações de urbanização aliada aos interesses do capital imobiliário. (BOTEGA, 2007, p. 66-72)

Em seguida, Botega (2007) cita, como exemplo, a questão da obrigatoriedade imposta pelo Governo Federal de exigir que os municípios elaborassem planejamentos urbanísticos, com o intuito de contraírem empréstimos junto ao banco:

Exemplo disto foi à medida que obrigou as prefeituras a elaborar planos urbanísticos para os seus municípios, o que era positivo, mas a condição de serem qualificadas para a obtenção de empréstimos junto ao Serviço Federal de Habitação e Urbanismo era de que estes deveriam ser elaborados por empresas privadas. Até mesmo as cobranças das prestações devidas estavam a cargo de uma variedade de agentes privados, companhias habitacionais, iniciadores, sociedades de crédito imobiliário, entre outros, que ‘além de reterem uma parte dos juros, conservavam os recursos financeiros provenientes das prestações recebidas durante um ano antes de o devolverem ao BNH’. (BOTEGA, 2007, p. 66-72)

Tal imposição refletiu na criação do Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI): o primeiro Plano Diretor da cidade de Olinda, entregue, em março de 1973, por determinação do governo federal, através do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU), como iremos abordar adiante.

Desta forma, o Sistema Financeiro de Habitação, através do BNH era, na verdade, um perspicaz agente de dinamização da economia nacional desempenhando um importante papel junto ao capital imobiliário nacional. Entretanto, seus métodos de trabalho pouco corroboravam com o seu objetivo principal, para o qual havia sido criado, ou seja, de ser o fomentador das políticas habitacionais, com o intuito de superar o déficit de moradia das classes desfavorecidas.

Gabriel Bolaffi ratifica essa abordagem, de que o objetivo inicial não era, precisamente, a prioridade deste sistema: “tudo indica [...] que o problema da habitação [...] apesar dos fartos recursos que supostamente foram destinados para a solução, não passou de um artifício político formulado para enfrentar um problema econômico conjuntural”. (BOLAFFI, 1982, p. 54.)

A partir de 1967, com a economia brasileira já reativada, a construção civil passou a ser substituída, em sua função de acelerador da economia, pela indústria de bens de consumo durável, especialmente, a indústria automobilística.

Este fato fez com que o BNH reorientasse seus investimentos para as camadas sociais com maior poder aquisitivo, deixando de lado a construção de habitações populares. Ermínia Maricato, baseada nos pronunciamentos da direção do próprio BNH em janeiro de 1975, onde foi anunciada a reformulação do financiamento, afirma que o banco fixou, em cinco salários-mínimos, a renda limite para se tornar um beneficiário dos financiamentos do banco, o que excluía, portanto, a maioria da população assalariada que era a principal afetada pelo déficit habitacional. (MARICATO, 1987, p. 8)

Leonardo Botega aborda, por fim, o esquema de corrupção que se revelara durante a gestão do Ministro da Fazenda, Delfim Neto, no governo do presidente Emílio Garrastazu Médici:

Além da inadimplência, um outro fenômeno que devemos considerar como um dos responsáveis pela ineficiência do SFH/BNH foram os constantes casos de corrupção verificados ao longo de sua existência. [...] Nesse sentido, é importante especificar o próprio Movimento dos Mutuários, pois ao lado de setores que perderam o seu poder aquisitivo com a forte recessão e a crescente inflação que dominou o país após o fracasso do Milagre Econômico, também, havia aqueles que se utilizaram da inadimplência como uma forma de mascarar práticas de corrupção. (BOTEGA, 2007, p. 66-72)

Em relação à Olinda, verificando-se que a cidade sofreu transformações urbanas e paisagísticas, principalmente entre os anos de 1970 a 1985, e que a orla foi bastante afetada, o

nosso problema de pesquisa visa compreender e solucionar as seguintes perguntas: como esse processo de mudança se desencadeou? Quem foram os atores responsáveis por essas mudanças? Quais as lições que poderemos aferir, positiva ou negativamente desse processo? Perguntas, estas, respondidas ao longo do nosso trabalho, através de pesquisa historiográfica.

Temos como objetivo geral neste estudo produzir um e-book, que contenha imagens registradas desse período, e que servirão, aliado à leitura dos pensadores que analisam o estudo das cidades, e outras fontes, fornecer um material que ajude pesquisadores e estudantes a entenderem melhor as mudanças antrópicas que aconteceram na região.

A orla de Olinda se inicia na Praia do Del Chifre<sup>1</sup>, passando pelas praias dos Milagres, do Carmo, do Fortim, Bairro Novo, Casa Caiada e Rio Doce, perfazendo um total de 9 km de orla. Pelas imagens, notamos que a verticalização atingiu de forma mais profunda a orla de Casa Caiada e Rio Doce, enquanto em outros locais, como Bairro Novo, Carmo, Milagres e São Francisco, percebemos a predominância de construções horizontais, como restaurantes e demais estabelecimentos comerciais, com raros pontos de verticalização. Observamos também que as avenidas foram alargadas, para ceder espaço à passagem dos ônibus e outros veículos, característica comum a maioria dos bairros da orla.

As fotografias foram selecionadas no acervo do Arquivo Público Municipal de Olinda Antonino Guimarães e na Fundação Joaquim Nabuco, que apresentam um acervo fotográfico com dezenas de imagens da cidade e da população, ao longo de diferentes décadas de Olinda.

Esse conjunto de fotografias nos permite analisar, como destacamos acima, o cotidiano dos moradores, as ruas, os carros em circulação da época, as casas, a expansão das avenidas ao longo da orla e, conseqüentemente, como a cidade foi se modificando para poder dar espaço a essa nova “modernização”, através da intervenção humana.

Desse modo, o nosso objetivo, enquanto pesquisador em História, é observar o que o fotógrafo quis captar naquelas paisagens retratadas, o seu ponto de vista, o seu olhar. Examinar detalhadamente aquilo que ficou em primeiro plano, bem como os aspectos secundários. Assim, na nossa pesquisa, visamos, esclarecer os elementos investigados, através de uma análise historiográfica, para que os leitores que tenham entendimento daquilo que está sendo demonstrado.

---

<sup>1</sup> Esta informação pode ser obtida através do Site da Prefeitura Municipal de Olinda. Disponível em: [<https://www.olinda.pe.gov.br/>] Acesso: [02/01/2021].

Por exemplo, na fotografia a seguir, da cidade de Olinda, na praia do bairro de Casa Caiada, na década de 1983, podemos observar que o fotógrafo foca nos aspectos do cotidiano, das paisagens e das pessoas da orla. Mas nosso olhar não deixa passar despercebido um contraponto presente na fotografia, entre o “novo” e o “antigo”, como a mescla entre as casas na beira mar e, ao fundo, o edifício do Hotel Quatro Rodas, um investimento financeiro público privado, que visava atrair a presença do público de maior renda, para ocupar este espaço geográfico da orla.

Ou seja, embora o fotógrafo Sidney Passarinho<sup>2</sup> não tivesse como plano central as casas e o hotel, existem elementos que podemos associar, baseado nas pesquisas que coletamos com informações da época, que nos permitem entender a circunstâncias históricas do período em que a fotografia foi feita (Fotografia 5).

Fotografia 5 - Orla de Casa Caiada, Olinda/PE



Fonte: Arquivo Público de Olinda - Sidney Passarinho (1983)

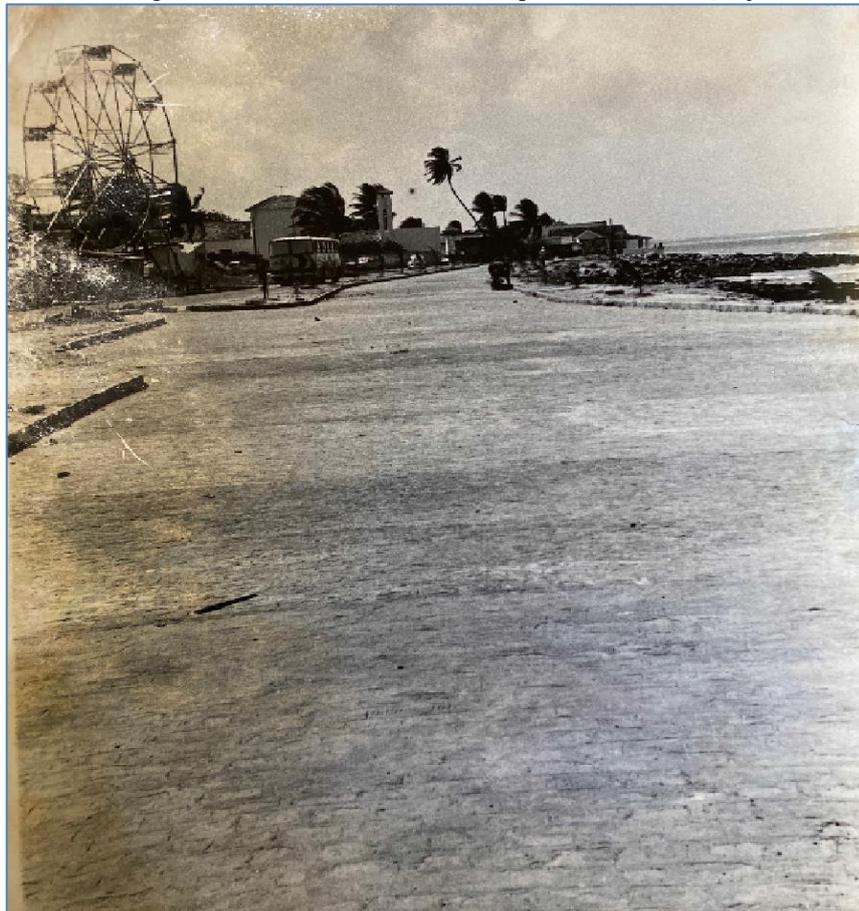
<sup>2</sup> Sidney Passarinho foi um fotógrafo brasileiro nascido em São Paulo em 1925 e falecido em 2013. Iniciou sua carreira como fotógrafo profissional nos anos 50, trabalhando para revistas como O Cruzeiro, Manchete e Realidade, dentre outras. Em 1957, fundou a primeira escola de fotografia do Brasil, a Escola de Fotografia de São Paulo. Com seu olhar sensível, registrou cenas do cotidiano, retratos de artistas e personalidades brasileiras, além de cobrir importantes eventos da época, como a inauguração de Brasília e a visita do Papa João Paulo II ao país em 1980. Passarinho também se dedicou ao ensino da fotografia, ministrando aulas em diversas instituições, como a FAAP e a Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), além de ter sido membro fundador da Associação dos Fotógrafos Profissionais do Estado de São Paulo (AFPEESP). Seu legado como fotógrafo e professor influenciou gerações de profissionais da área, deixando sua marca na história da fotografia brasileira.

Percebe-se também um carro atrás, bem como os bancos, que também foram substituídos, com o passar dos anos. Imagens, assim, ativam a memória dos moradores da época, que vivenciaram essas transformações ao longo dos anos. São verdadeiras fontes históricas capazes de resgatar sensações como alegria, saudade, tristeza e nostalgia. Essa correlação entre fotografias antigas e a memória do local pode ser corroborada com esta citação de Ulpiano Menezes:

Há imagens que se destinam programaticamente a terceirizar memórias, como é o caso do souvenir, do cartão postal e de outros objetos visuais. A imagem padroniza os modos de ver e promove a lembrança subjetiva que já estava paradoxalmente prevista e antecipada na própria produção em série, comercialmente oferecendo-se à escolha do consumidor. (MENEZES, 2012, p. 258)

Em outra imagem, podemos observar o começo da orla de Olinda, após o Fortim de São Francisco de Olinda, também conhecido como Forte Montenegro e Fortim do Queijo, na Praia de São Francisco, nos anos 80 (Fotografia 6).

Fotografia 6 - Praia de São Francisco após o Fortim do Queijo



Fotógrafo: Não identificado

Fonte: Arquivo Público Municipal De Olinda - Antonino Guimarães (1980)

Apesar do foco da imagem ser a pista da rua, ela retrata ao lado esquerdo a presença de um ônibus, o que já representa os impactos do trânsito no local, sobretudo pelo alargamento da avenida beira mar, a fim de ceder espaço para a circulação de veículos de pequeno e grande porte.

Nota-se também a presença de outros carros no local, em uma área aparentemente destinada para veículos. A roda gigante também merece destaque, visto que aquele local ainda é, na atualidade, destinado para festividades e animações. Percebe-se também, em meio às casas, a existência de coqueiros, bem como a presença dos diques de proteção na orla, para evitar o avanço do mar em direção à avenida e às casas.

Assim, através das imagens da orla de Olinda, temos em mente que as cidades são um lugar de enfrentamentos, disputas e resistências, que não estão invisíveis aos olhares dos moradores, muito menos à visão dos historiadores. Nas palavras de Georges Perec:

A cidade está aí. Ela é nosso espaço e não temos nenhum outro. Crescemos nestas cidades. É nas cidades que respiramos. Quando tomamos o trem, é para ir de uma cidade à outra. Não há nada de desumano em uma cidade, senão nossa própria humanidade. (PEREC, 1974, p.85-86)

Neste entendimento, Michel de Certeau comenta que a cidade é um espaço “de movimentos contraditórios que vai além do poder, não sendo um campo de operações programadas e controladas, pois se proliferam astúcias e combinações de poderes sem identidades” (CERTEAU, 1994, p. 102).

Certeau destaca que o poder não se limita à esfera institucional, mas está presente em todas as esferas da vida social, nas práticas cotidianas e nas formas de resistência. O poder se manifesta de maneiras diferentes, muitas vezes contraditórias, e é negociado, disputado e reconstruído constantemente.

O autor enfatiza a importância das astúcias e combinação de poderes sem identidades, que representam as estratégias dos indivíduos e grupos que não possuem o poder institucionalizado, mas que utilizam suas habilidades e conhecimentos para alcançar seus objetivos. Isso evidencia a ideia de que o poder não é monopolizado por uma elite, mas sim distribuído em diferentes níveis da sociedade, o que pode levar a conflitos e disputas.

Assim, o autor nos leva a refletir sobre a complexidade das relações de poder e a necessidade de compreender suas múltiplas dimensões e formas de manifestação. As astúcias e a

combinação de poderes sem identidade demonstram que o poder não é algo estático, mas sim uma construção dinâmica e contraditória, que pode ser desafiada e transformada pelas práticas sociais e pelas formas de resistência.

Em se tratando de Olinda, muitas dessas transformações na orla foram feitas para atender a demanda do mercado capitalista, a fim de tornar a orla um local mais valorizado. Podemos citar, como exemplo, a instalação do Hotel Quatro Rodas, bem como outros projetos de engenharia e arquitetura realizados através de gananciosas construtoras, que contribuíram para a descaracterização da orla e a elitização do espaço.

A justificativa da pesquisa se embasa não somente pelas experiências pessoais do autor com Olinda, como também pelo fator acadêmico. Embora notemos a existência de trabalhos sobre a cidade de Olinda em si, abordando diferentes aspectos, desde sua economia à cultura, do período colonial à atualidade, ainda não foi realizado um estudo imagético que trate de maneira mais detalhada da orla de Olinda e suas contundentes mutações, organizado no formato de um e-book.

Sendo assim, e com um amplo material fotográfico à disposição, como pesquisador, sinto-me motivado a realizar um trabalho que irá conciliar a relação de afeto que tenho com a cidade, aliado às preocupações que possuo com a preservação do local, refém de sucessivas intervenções urbanas, especialmente no seu litoral.

A nossa pesquisa tem como base a História Cultural, visto que a virada cultural dos anos 1970 possibilitou que novas fontes de estudo fossem utilizadas, a exemplo das fotografias. Ela também nos permite adentrar nos aspectos cotidianos das cidades, destacando os aspectos minuciosos de um tempo histórico os quais foram retratados pelos seus atores sociais, a exemplo das fotografias tiradas pelos fotógrafos.

A História Cultural utiliza uma abordagem que visa entender as cidades não apenas como um espaço físico, mas também como um lugar de vivência e construção de identidades culturais. Essa perspectiva se preocupa em analisar as relações entre os habitantes da cidade e os espaços urbanos, bem como as práticas culturais e experimentadas que moldam essas relações.

Segundo Sandra Jatahy Pesavento, analisando a evolução dos estudos da História Cultural sobre a compreensão das cidades:

Ao longo da década de 1990, a emergência de uma história cultural veio proporcionar uma nova abordagem ao fenômeno urbano. O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela história cultural é que a cidade não é mais considerada só como um locus privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais. (PESAVENTO, 2007, p. 13)

E continua,

Mas a cidade, na sua compreensão, é também *sociabilidade*: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do 'habitar', e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do 'humano': cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais. (PESAVENTO, 2007, p. 14, grifo do autor)

A cidade é vista como um lugar de encontros e desencontros, onde grupos sociais diversos convivem e interagem. A partir dessa interação, são criadas diferentes formas de expressão cultural que refletem as tensões e contradições presentes na sociedade. Essas formas de expressão vão desde manifestações artísticas, como o grafite e a música urbana, até as diversas formas de resistência e protesto. A cidade é vista, assim, como um lugar de produção e consumo cultural, onde os moradores criam e consomem os bens culturais que lhes são oferecidos.

Essa perspectiva também considera a importância da memória na construção das identidades urbanas. A cidade é um lugar de memória, onde o passado e o presente se encontram e se entrelaçam. A memória urbana é preservada através de monumentos, ruas, praças e outros elementos simbólicos que contam a história da cidade e dos seus habitantes.

Em resumo, a História das Cidades pela perspectiva da História Cultural nos permite compreender a cidade como um espaço complexo e multifacetado, onde as práticas culturais e vividas moldam as relações entre os habitantes e o espaço urbano, e onde a memória e a identidade são construídas e preservadas.

No que diz respeito à pesquisa sobre a relação entre imagens e histórias, contaremos com o suporte teórico e historiográfico de autores como Boris Kossoy, Ulpiano de Meneses e Ana Maria Mauad, que nos permitem construir um ferramental em análise fotográfica, onde a

imagem é estudada em todo o seu potencial informacional. Juntas, história e fotografia oferecem rica contextualização econômica, política e cultural para os acontecimentos.

Além do aspecto verticalização, onde podemos observar os prédios e construções feitas na orla, também iremos observar o cotidiano dos frequentadores pelas imagens, onde destacamos as aparências, gestos e múltiplos aspectos dos atores sociais presentes nas fotografias. Como se vestiam, quais atividades eram realizadas no litoral, seus costumes - como, por exemplo, a presença de indivíduos perto do Hotel Samburá, em um restaurante da orla, conforme imagem apresentada, a seguir (Fotografia 7):

Fotografia 7 - Restaurante Samburá, vista frontal



Fotógrafo: Não identificado

Fonte: Arquivo Público Municipal De Olinda - Antonino Guimarães (1970)

Ademais, vamos observar as paisagens naturais da orla, como um lugar geográfico em si, a exemplo do calçadão, os bancos da praia, as ruas, avenidas, diques, restaurantes, coqueiros, árvores e demais aspectos que nos permitam fazer uma análise mais profunda da época. Cada fotografia virá acompanhada de uma descrição, contendo informações a respeito do local, do fotógrafo - quando possível, do ano e uma breve contextualização, onde iremos introduzir para os leitores os elementos que estão presentes nas imagens, a fim de que eles possam, de maneira geral, adentrar neste universo que pretendemos dialogar.

A seleção de imagens se deu através do seguinte critério: I) recorte temporal: onde escolhemos o período de 1970 a 1985, por corresponder ao início do processo de urbanização de Olinda. II) divisão por temas presentes entre os elementos fotografia, haja vista a

quantidade e diversidade de fotografias encontradas sobre o período, que retratam diferentes aspectos do local.

Utilizamos imagens tanto de fotógrafos cujos acervos estão presentes, principalmente, no Arquivo Público Municipal de Olinda Antonino Guimarães, como também em fotografias disponíveis em sites.

## 2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O acervo histórico que abrange o tema cidade de Olinda, seja bibliográfico, museológico e arquivístico, é bastante amplo e se inicia desde o período colonial à atualidade. Desse modo, procuramos selecionar trabalhos para o nosso estudo que possam fornecer informações a respeito de Olinda no período temporal do nosso trabalho, estudando fotografias, mapas, pesquisas com dados populacionais, jornais e revistas, teses de mestrado, dentre outras fontes.

A nossa fonte principal de análise são as fotografias que consultamos no Arquivo Público Municipal de Olinda Antonino Guimarães, que funciona na Rua de São Bento, no Sítio Histórico e está aberto ao público para visitação e pesquisas, com um riquíssimo acervo documental sobre a cidade, além de possuir mais de setenta mil fotografias. São imagens assim que colocamos em prática o conhecimento adquirido através da leitura dos autores citados e que nos fornecem embasamento teórico-metodológico.

No arquivo, podemos encontrar fotografias de Olinda, desde as primeiras décadas do século XX, que servem como ponto de partida para pesquisadores de diferentes áreas, visto que as fotos apresentam também diversas localidades, não apenas da praia. São imagens para serem analisadas e que, a depender do acervo, cont m a identifica o de quem as fotografou.

As fotos por nós selecionadas no arquivo público refletem a diversidade da orla de Olinda, entre os anos de 1970 a 1985, momento de crescimento e altera es que a cidade vinha enfrentando e que conseqüentemente atingiram a orla. Dentre o farto material pesquisado, destacamos os álbuns de Ana Elyzabeth de Araújo Farache, Xirumba Amorim e Sidney Passarinho, fotógrafos cujas imagens destacam a verticaliza o da orla de Olinda, o cotidiano das pessoas e os aspectos naturais em si do local.

O primeiro trabalho que selecionamos para esta pesquisa foi a disserta o de mestrado em Geografia – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), de Michele Kely Moraes Santos, *A expansão da verticaliza o no bairro de Casa Caiada, Olinda/PE (1990 a 2015)*. Nesta obra, a autora promove um estudo detalhado sobre o bairro de Casa Caiada - Olinda, relatando o início da sua verticaliza o nos anos de 1970-1980, e que persiste até hoje. Ou seja, a mudança da paisagem horizontal, composta por casas, praças e comércio, para a vertical, composta de arranha-céus constituídos de dezenas de pavimentos.

Uma das questões que destacamos do trabalho se refere ao processo de ocupação da orla e dos fatores que teriam atraído os moradores de outras localidades para a região. Como os investimentos que foram realizados pelo Estado, bem como através do capital privado, acelerando a especulação imobiliária na área e transformando a infraestrutura no local, como destaca Michele Santos:

Por volta da década de 1970, a cidade que pouco havia se expandido experimenta um acelerado processo de urbanização proveniente da migração populacional da zona rural para cidade e das políticas públicas aplicadas pelo Estado, que investiu maciçamente em habitações, infraestrutura e serviços urbanos. Houve uma crescente valorização da orla, devido aos sucessivos investimentos na ampliação urbana e na rede de transportes para atender a nova demanda. (SANTOS, 2016, p. 44)

A presença desses investimentos também permitiu que a orla passasse a comportar um quantitativo maior de carros e, até mesmo, de ônibus, a fim de dar suporte e atender aos anseios dos novos moradores. Foi então que surgiram propostas para o alargamento das avenidas, ao tempo em que se deveria também ficar atento ao avanço do mar, para que não destruísse estas novas obras, o que ocasionou a construção de um dique de proteção.

Desse modo, a construção de diques e a engorda do mar, através de aterros, eram prioridade nas gestões daquele período, bem como a formação de blocos de pedra e concreto área na avenida beira mar, visto que o avanço do oceano havia estreitado a faixa de areia da praia, sendo necessário promover o recuo do mar, por meio de engorda, para que pudesse ser desenvolvida e estimulada a urbanização.

O Banco Nacional da Habitação (BNH), exposto na introdução, desempenhou um papel fundamental no início do processo de urbanização da orla de Olinda, que ocorreu entre as décadas de 1950 e 1970. A cidade, localizada no litoral de Pernambuco, experimentou um rápido crescimento populacional nesse período, o que levou a um aumento da demanda por moradias e infraestrutura.

O BNH foi criado em 1964, durante o governo de João Goulart, com o objetivo de fornecer recursos financeiros para a construção de moradias populares. O banco foi responsável por financiar projetos habitacionais em todo o país, incluindo a Orla de Olinda.

Os recursos do BNH permitiram que os governos locais construíssem novas moradias e melhorassem a infraestrutura da região. Foram construídos conjuntos habitacionais, como o Conjunto Habitacional de Peixinhos, que ofereceu moradias para milhares de famílias de

baixa renda. O banco também financiou obras de saneamento básico, como a construção de redes de esgoto e a implantação de sistemas de abastecimento de água.

A urbanização da orla de Olinda teve um impacto significativo na qualidade de vida da população local. As novas moradias proporcionaram melhores condições de habitação, com mais espaço e conforto para as famílias. A melhoria da infraestrutura, por sua vez, contribuiu para a redução das doenças relacionadas ao saneamento básico precário.

Além disso, a urbanização da orla de Olinda contribuiu para o desenvolvimento econômico da região. A criação de novos empregos na construção civil e em outras áreas relacionadas à urbanização gerou mais oportunidades de trabalho para a população local.

O papel do Banco Nacional da Habitação no processo de urbanização da orla de Olinda foi essencial para a melhoria das condições de vida da população local. O financiamento do banco permitiu que as autoridades locais investissem em moradias e infraestrutura, o que contribuiu para o desenvolvimento socioeconômico da região.

As obras no dique foram propostas para essa finalidade, sendo um fator que durante a sua construção possibilitou maior segurança para a construção de novos empreendimentos e edifícios na beira mar. Para tanto, foi necessário investimento do Banco Nacional de Habitação (BHN), para a realização dessa obra de contenção do mar:

A proposta da Prefeitura Municipal de Olinda para a Avenida Beira Mar veio em 1970, porém o projeto só caminhou a passos largos quando recebeu ajuda financeira do Banco Nacional de Habitação (BHN), que contribuiu para o plano de urbanismo da cidade[...] a parceria da Prefeitura com o Banco Nacional de Habitação (BNH) foi noticiada pelo Jornal do Commercio em 1972 [...] a reportagem, a abertura da Avenida beira Mar, ligando a Praça do Carmo a Rio Doce, possibilitaria a movimentação do trânsito de toda orla praieira, desde a praia do Carmo até Casa Caiada, contribuindo para a valorização dos imóveis ali localizados. Mas para que a abertura da via pudesse ser viabilizada, foi necessária a colocação de pedras no contato do mar e com a terra, a fim de conter o avanço do mar, reforçando os sistemas de defesa de praias olindenses. (SANTOS, 2016, p. 61)

Isto explica o porquê de quando observamos inúmeras imagens da orla, percebemos essa grande quantidade de pedras que foram colocadas artificialmente (Fotografia 8). Detalhe este que será repassado para os nossos leitores do e-book, a fim de que entendam a razão delas estarem lá. Nesta imagem abaixo é possível ver a proteção estabelecida entre a praia e o mar, bem como a presença de pedras ao fundo.

Fotografia 8 - Proteção contra o mar e pedras ao fundo



Fotógrafo: Não identificado.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda - Antonino Guimarães (ca. 1980)

Em segundo plano, na imagem, destacamos as casas, cuja maioria pertencia a moradores e pescadores da Praia dos Milagres. Observa-se também barquinhos de pescas atracados por cima das pedras e veículos estacionados na avenida, evidenciando que o plano de contenção do mar surtiu efeito.

Tendo um cenário favorável mais seguro para a construção de novas casas e edifícios, pudemos observar então o processo de verticalização na Praia de Casa Caiada, iniciado na

década de 1970. Em seu trabalho, Michele Santos traz imagens que nos mostram este processo, tiradas pela fotógrafa Ana Elyzabeth de Araújo Farache<sup>3</sup> já nos anos 1980, expondo o acentuado processo de verticalização com a presença de diversos prédios (Fotografia 9).

Fotografia 9 - Praia de Casa Caiada



Fotógrafo: Ana Elyzabeth de Araújo Farache

Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda - Antonino Guimarães (1982)

A pesquisadora Michele Kely Moraes Santos Souza (2016, p. 44) afirma:

Por volta da década de 1970, a cidade que pouco havia se expandido experimenta um acelerado processo de urbanização proveniente da migração populacional da zona rural para cidade e das políticas públicas aplicadas pelo Estado, que investiu maciçamente em habitações, infraestrutura e serviços urbanos. Houve uma crescente valorização da orla, devido aos sucessivos investimentos na ampliação urbana e na rede de transportes para atender a nova demanda [...]

Assim, inicia-se então um novo processo de redescobrimto do prestígio da cidade olindense, visando ao fortalecimento da sua economia, através do desenvolvimento urbano. A princípio, as construções começam a se diversificar: os antigos mocambos pintados a cal (daí

<sup>3</sup> Ana Elyzabeth de Araújo Farache é Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco e trabalhou em jornais, revistas e emissoras de televisão como repórter, editora e fotógrafa. Atua na área de Artes, com reflexões sobre imagem fotográfica, experiência estética, contemplação e memória. Atualmente desenvolve projetos autorais de fotografia.

o nome, Casa Caiada) são substituídos por casas de alvenaria, com mais de um pavimento, transformando a crescente e dinâmica paisagem do bairro, movida pela força do capital imobiliário, atraindo uma população de compradores em potencial para residir na nova área de expansão da cidade, uma área elitizada.

Surge, assim, o projeto de urbanização da avenida Beira-mar, que estava contido no Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI): o primeiro Plano Diretor da cidade de Olinda. O plano, na verdade, foi criado por determinação do governo federal, através do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU), em conjunto com a Assessoria da Sociedade Civil de Planejamento (SOCIPLAN).

O plano, que analisava a situação e a tendência ao desenvolvimento urbano da cidade, teve seu trabalho iniciado em 1971, na gestão do ex-prefeito Eudes Costa, interventor da cidade na época da ditadura militar, e implantado durante o governo do ex-prefeito Ubiratan de Castro Silva, em março de 1973. É importante observar que a gestão do prefeito Ubiratan de Castro foi um marco para o início do crescimento imobiliário em Olinda. (SANTOS, 2016)

O PDLI se baseou em três eixos principais: a geração de emprego e renda, o desenvolvimento urbano e a qualidade de vida. Cada eixo tinha objetivos específicos e ações estratégicas para alcançá-los.

No eixo da geração de emprego e renda, foram criados programas de capacitação profissional e de incentivo à criação de pequenas empresas e cooperativas. O objetivo era gerar mais oportunidades de trabalho para a população local e promover a inclusão social. No eixo do desenvolvimento urbano, foram implementadas ações para melhorar a infraestrutura da cidade, como a construção de novas vias de acesso e a requalificação de áreas degradadas. Também foram criados programas de habitação popular e de regularização fundiária, para garantir o acesso à moradia para a população de baixa renda. No eixo da qualidade de vida, foram criados programas de saúde, educação e cultura, além de ações para a proteção do meio ambiente e do patrimônio histórico da cidade.

A proposta da Prefeitura Municipal de Olinda para a avenida Beira-mar se constituía das seguintes frentes:

- Realização de obras de infraestrutura básica;
- Asfaltamento e alargamento da avenida;

- Construção de um calçadão;
- Retirada dos bares/restaurantes, realocando-os à margem oposta à praia.

Santos (2016, p. 64) afirma: “[...] é relevante ressaltar o caráter urbanista presente nesse primeiro plano diretor. Havia uma forte tendência de crescimento e expansão da cidade a partir de obras de infraestrutura, principalmente, viárias.”

Porém, para ser posto em prática, efetivamente, o plano esbarrava na forma com que bairros, como Casa Caiada, foram ocupados. Como descreve o PDLI (1973):

Na orla marítima, avançando em direção às praias, surgiram loteamentos tornando-as áreas de difícil acesso. A situação agravou-se quando, para iniciar as construções, tornou-se necessário derrubar coqueiros que emolduravam as praias, destruindo assim uma paisagem natural característica da região. A faixa de praia, já estreita, restringiu-se ainda mais. Nesses loteamentos não foram reservadas áreas ou espaços para a instalação de equipamentos de interesse social ou comunitário, pois os seus proprietários visavam exclusivamente o lucro através da especulação imobiliária. Se hoje, subsistem áreas não construídas nesses loteamentos, isto se deve, tão somente, ao fato dos lotes já vendidos não terem sido edificadas. (PDLI, 1973, p. 105)

Ainda assim, o PDLI foi um marco para o desenvolvimento de Olinda, pois promoveu a integração entre diferentes setores e atores locais, além de ter sido um processo participativo e democrático. As ações implementadas durante o plano contribuíram para melhorar as condições de vida da população e para promover o desenvolvimento socioeconômico da cidade.

A nossa pesquisa no Arquivo Público de Olinda encontrou também uma imagem interessante da orla de Casa Caiada em 1983, que mostra a presença de várias pessoas tomando banho de mar, em frente ao dique construído (Fotografia 10). Pela quantidade de pessoas, imaginamos que sejam não só moradores, mas também pessoas visitando a região e aproveitando a praia em um fim de semana ou feriado. Porém, no plano secundário da imagem, chamamos atenção para os prédios construídos que já fazem parte de um processo de verticalização mais acelerado no local.

Fotografia 10 - Prédios na orla de Casa Caiada



Fotógrafo: Xirumba Amorim

Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda - Antonino Guimarães (1983)

A segunda produção historiográfica que nos auxilia em nosso trabalho é a tese de Doutorado de Eliane Maria Vasconcelos do Nascimento, *Olinda: uma leitura histórica e psicanalítica da memória sobre a cidade*.

Em seu estudo, a autora traz uma abordagem do ponto de vista psicanalítico da cidade, inclusive fazendo menção ao avanço do mar e apresentando fotografias de casas de veraneios que foram destruídas pelas águas entre 1960 a 1963, na Praia dos Milagres, a exemplo destas imagens, cujo material encontramos no Arquivo Público de Olinda, captadas pelo fotógrafo Severino Frago, um fotógrafo brasileiro nascido na cidade de Olinda, em Pernambuco, em 1954 (Fotografias 11, 12 e 13).

Fragoso começou a se interessar pela fotografia ainda jovem, quando trabalhava como ajudante de um fotógrafo local. Ao longo dos anos, desenvolveu seu próprio estilo fotográfico, capturando imagens de pessoas, lugares e eventos em sua cidade natal e em outras regiões de Pernambuco. Suas fotos são marcadas pela sensibilidade em relação às formas e texturas, bem como pela atenção aos detalhes e à atmosfera dos lugares que fotografa.

Fragoso já teve suas obras expostas em diversas exposições individuais e coletivas, tanto no Brasil como no exterior, e recebeu diversos prêmios e reconhecimentos por seu trabalho. Ele também é autor de vários livros de fotografia, incluindo “Olinda: retrato de uma cidade”, publicado em 2012.

Além de fotógrafo, Fragoso também é professor de fotografia e já ministrou diversos cursos e oficinas em escolas, universidades e centros culturais em todo o Brasil. Seu trabalho continua a inspirar e influenciar uma nova geração de fotógrafos em todo o país.

Fotografia 11 - Avanço do mar: praia dos Milagres – “A”.



Fotógrafo: Severino Fragoso

Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda - Antonino Guimarães (1960)

Fotografia 12 - Avanço do mar: praia dos Milagres – “B”



Fotógrafo: Severino Fragoso

Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda -  
Antonino Guimarães (1960)

Fotografia 13 - Avanço do mar: praia dos Milagres – “C”



Fotógrafo: Severino Fragoso

Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda - Antonino Guimarães (1960)

Comparando esta fotografia da década de 1960 à apresentada anteriormente, da década de 1980, o cenário se mostra radicalmente diferente, o que demonstra a ineficiência das obras de contenção do mar, que haviam sido realizadas, até então. O dique construído ainda era insuficiente para conter o avanço das águas, sendo a orla vulnerável à natureza.

A arquiteta Marília Didier, sobre o ocorrido, descreve em seu trabalho de conclusão de curso *Reestruturação urbana: molhe dos milagres*:

Foram tragadas pelas ondas dezenas de casas e desapareceu uma rua inteira, a do Nascente, que ficava à beira mar, bem como, um lado da sua primeira rua paralela, a dos Milagres. O litoral da praia dos Milagres chegou a ter três ruas que foram completamente tomadas pela ação do avanço do mar. Com elas, centenas de casas de pescadores, balneários e sobrados, cujos quintais davam para a praia, foram destruídos (DIDIER, 1998, p. 12).

O capítulo do trabalho de Eliane Nascimento, denominado “*Olinda, crescimento e modernização*”, aborda diversos fatores da cidade (urbanização, verticalização, crescimento populacional, investimentos), desde os anos de 1950 até a atualidade.

Quando falamos em memória, levamos em consideração os eventos que ocorreram dentro de uma temporalidade histórica, os quais ficam marcados dentro do imaginário coletivo, podendo ser expressos através de signos, músicas, falas, lembranças e imagens. Ao mesmo tempo, a memória traz consigo sinais de reconhecimento e identificação para com aquela realidade. É que de acordo com Pierre Nora pode ser compreendido como *Lugares da Memória*.

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 12-13)

Assim como os relatos apresentados no trabalho de Eliane são marcas da memória, as fotografias aqui mostradas representam este contexto de acontecimentos, sobretudo quando fazemos uma análise descritiva. Assim, uma vez apresentado alguns autores que nos baseamos em sua produção historiográfica para o nosso trabalho, como Eliane Nascimento e Michele Santos, apresentaremos o nosso embasamento teórico-metodológico envolvendo História e imagens.

Um dos motivos pelo qual o estudo das fotografias desperta atenção se deve à captação imagética dos eventos, provocando uma espécie de congelamento do momento, ativando as recordações, as lembranças e, até mesmo, os sentimentos, como a raiva, o ódio, a tristeza e a alegria.

Com isso, as fotografias passam a compor registros da memória. Este é um dos motivos pelo qual consideramos fundamental utilizá-las para fazer uma análise imagética das cidades, de modo que enxerguemos as transformações históricas, intervenções urbanas, e o cotidiano dos indivíduos dentro daquele recorte histórico. Não tardou para que surgissem pesquisadores influenciados pelo estudo das imagens, no que diz respeito às suas representações, aspectos culturais e informações que o conteúdo imagético pode trazer para uma análise histórica. Na historiografia brasileira, destacamos a influência de Boris Kossoy, Ulpiano Menezes e Ana Maria Mauad.

O historiador dispõe de inúmeros mecanismos para a realização da pesquisa histórica, como documentos privados e de caráter público. Munido de suas fontes, ele pode fazer uma análise dos acontecimentos, baseado nas informações que tem acesso. Destarte, podemos concluir que várias são as possibilidades de embasar seus estudos, como José d'Assunção Barros comenta que:

As fontes históricas, além de permitirem que o historiador concretize o seu acesso a determinadas realidades ou representações que já não temos diante de nós, permitindo que se realize este 'estudo do homem no Tempo' que coincide com a própria História, também contribui para que o historiador aprenda novas maneiras de enxergar a história e formas de expressão que poderá empregar em seu texto historiográfico (BARROS, 2010, p. 74)

Com o advento da Escola dos Anales, movimento historiográfico do século XX que se destacou por incorporar métodos das Ciências Sociais à História, os historiadores passaram a contar com outros mecanismos para investigar o passado, sendo os registros fotográficos um exemplo, de modo que as imagens começam a compor uma fonte de pesquisa. Peter Burke cita a importância dada à fotografia, a partir dos anos 60, no que chama de virada pictórica:

Essa ‘virada pictórica’, como a tem denominado o crítico americano William Mitchell, também é visível no cenário do mundo anglofônico. Foi no final da década de 1960, como ele próprio confessa, que Raphael Samuel e alguns de seus contemporâneos tornaram-se conscientes do valor de fotografias como evidência para a história social do século XIX, auxiliando-os a construir ‘uma história’ a partir de baixo’, focalizando o cotidiano e as experiências de pessoas comuns (BURKE, 2017, p. 15)

Assim, as fotografias como fonte de pesquisa representam um universo rico e amplo para os historiadores, sendo fruto da ampliação das fontes documentais disponíveis. De acordo com Peter Burke em sua obra *Testemunha Ocular* (2004):

Nos últimos tempos, os historiadores têm ampliado consideravelmente seus interesses para incluir não apenas eventos políticos, tendências econômicas e estruturas sociais, mas também a história das mentalidades, a história da vida cotidiana, a história da cultura material, a história do corpo etc. Não teria sido possível desenvolver pesquisas nesses campos relativamente novos se eles tivessem se limitado a fontes tradicionais, tais como documentos oficiais produzidos pelas administrações e preservados em seus arquivos (BURKE, 2004, p. 11)

Quando o historiador observa uma fotografia em si, não significa apenas olhar a paisagem, mas compreender as demais características imagéticas que se fazem presentes no que tange ao intuito, finalidade, o que ela retrata e para quem era produzida. Assim, cabe, dessa forma, ao historiador, adentrar neste universo e compreender as minúcias que se fazem presentes nas imagens, sem deixar de levar em conta a sua criticidade das fontes, pois levando em conta que a imagem foi retratada por um fotógrafo, deve-se procurar identificar o que se queria mostrar com aquela imagem. Peter Burke comenta que:

Seria imprudente atribuir a esses artistas repórteres um olhar inocente no sentido de um olhar que fosse totalmente objetivo, livre de expectativas ou preconceitos de qualquer tipo, tanto literalmente quanto metaforicamente, esses esboços e pinturas registram um ponto de vista. (BURKE, 2004, p. 24)

Ou seja, do mesmo modo que a análise dos jornais, como fonte de pesquisa, requer uma forma de embasamento, não devendo o pesquisador examinar o trecho do jornal no seu trabalho sem

antes fazer uma discussão apropriada sobre o que se deseja estudar, o mesmo dizemos quando falamos de Fotografia e História. Destarte, também convém observar os fotógrafos que a captaram, sendo esta análise um importante ponto para a pesquisa que envolve as fotografias como fontes. Ana Maria Mauad chama atenção a tais detalhes, ao citar que: O poder em cena necessita de atributos que o distinga das demais representações sociais, posto que “as manifestações do poder não acomodam bem com a simplicidade. A grandeza ou a ostentação, a decoração ou o fausto, o cerimonial ou protocolo geralmente as caracterizam” (BALANDIER, 1982, p. 10).

Neste sentido, o próprio ato de fotografar envolve um cerimonial com comportamentos definidos. O fotógrafo não está em qualquer lugar. Ele é chamado para atuar como “testemunha ocular” e seu testemunho tem o valor de prova irrefutável (MAUAD, 2013, p. 14).

Do mesmo modo que Peter Burke comenta sobre este elemento de se compreender “as lentes do observador”, Boris Kossoy reitera que:

Ao observarmos uma fotografia, devemos estar conscientes de que a nossa compreensão do real será forçosamente influenciada por uma ou várias interpretações anteriores. Por mais isenta que seja à interpretação dos conteúdos fotográficos, o passado será visto sempre conforme a interpretação primeira do fotógrafo que optou por um aspecto determinado, o qual foi objeto de manipulação desde o momento da tomada do registro e ao longo de todo o processamento, até a obtenção da imagem final. (KOSSOY, 2012, p. 125)

Do ponto de vista historiográfico, podemos destacar também a produção acadêmica de diversos trabalhos que levam em consideração o estudo das cidades através da fotografia. Temos, como exemplo, as pesquisas das professoras Fabiana Bruce: Caminhando numa cidade de luz e de sombras. A fotografia moderna no Recife na década de 1950, (2004); e Zita Possamai, Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos-Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930, (2005).

Possamai (2005, p. 9), inclusive, comenta que:

As imagens fotográficas que ao longo dos anos estiveram ao meu alcance ganharam, nesta tese, outro estatuto, por assim dizer, merecendo uma tentativa de investigação de maior fôlego, no domínio do conhecimento histórico. Assim, pretendo verificar a relação entre cidade e fotografia, a partir da análise das imagens de Porto Alegre presentes nos álbuns fotográficos produzidos entre 1922 e 1935.

Assim, todo este embasamento teórico-metodológico dos autores citados acima, bem como os exemplos de trabalhos produzidos na academia, permite aos estudiosos fazer uma análise descritiva das imagens, a fim de compreender os demais traços presentes, bem como aquilo que o fotógrafo em seu olhar visava transmitir.

Inclusive, podemos ir mais além quando observamos detalhes, vide por exemplo esta foto de Ana Farache, que nos mostra o aterro da Praia de Casa Caiada, no início da década de 1980 (Fotografia 14).

Fotografia 14 - Orla de Casa Caiada



Fotógrafo: Ana Farache

Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda - Antonino Guimarães (1982)

Esta imagem nos traz, ao menos, dois elementos que podemos observar: o aspecto paisagístico, com prédios que esboçam a mudança do cenário, chamando atenção para o processo de verticalização do local; e o cotidiano dos moradores e banhistas da orla.

Considerando a historicidade apresentada na nossa pesquisa, notamos na imagem que, as obras de aterro no mar, iniciadas desde os anos 1970, provocaram um alargamento considerável da faixa de areia da praia, propiciando aos banhistas mais espaço para lazer e esportes. A presença de adultos e crianças, bem como de comerciantes, na praia, revela um cenário típico das cidades litorâneas, com carros estacionados ao longo da avenida, como o Fusca, da Volkswagen, que, àquela época, era bastante comum de ser visto nas ruas do país.

Entretanto, além dos impactos positivos que as intervenções urbanas causaram na região, é importante abordarmos também que, durante as reformas da orla do bairro de Casa Caiada, em Olinda, ocorreram diversos eventos negativos nas comunidades periféricas da região entre 1970 e 1985.

Situação semelhante ao que ocorria na capital pernambucana. Segundo a professora Virgínia Pontual (2001), a cidade (Recife) modificava-se vertiginosamente pela decomposição do complexo rural; a cidade modificava-se pela emergência de novas forças sociais e políticas; a cidade modificava-se pelo crescimento do número de mocambos; a cidade modificava-se pela destruição de mocambos e pela construção de vilas habitacionais; a cidade tornava-se rebelde em suas múltiplas expressões. Essas modificações expressavam uma natureza em conflito. Evidenciavam-se conflitos entre capital e trabalho, entre forças sociais, entre funções ou atividades inerentes ao ambiente construído.

Entre as décadas de 1970 e 1980, a orla de Olinda passou por um processo de desapropriações que afetou a população local. As áreas desapropriadas eram destinadas a projetos urbanísticos, como a construção de avenidas e de edifícios residenciais. Segundo o historiador Marcos Galindo, as desapropriações foram justificadas pela necessidade de modernização da cidade e pela valorização do turismo (GALINDO, 2002).

No entanto, muitos moradores foram prejudicados pelas desapropriações, pois tiveram que deixar suas casas sem receber uma compensação justa. Essa questão social gerou conflitos entre a população e as autoridades locais, e ainda é objeto de debate na cidade.

Houve protestos e manifestações contra as obras, organizados principalmente pelos moradores das áreas afetadas. Alguns chegaram a ocupar prédios e terrenos vazios como forma de resistência. Além disso, ocorreram casos de violência policial durante as desocupações e demolições de casas, resultando em feridos e mortos. A comunidade também acusou as autoridades de não oferecerem alternativas de moradia ou compensação adequada pelos danos causados. As reformas também geraram impactos ambientais, com a destruição de manguezais e alterações na fauna e flora local (GALINDO, 2002).

Os eventos nas comunidades periféricas de Olinda durante as reformas da orla de Casa Caiada evidenciam os conflitos entre as políticas de modernização urbana e as necessidades e direitos dos moradores de baixa renda. A luta pela preservação dos seus lares e territórios foi um importante marco na história das lutas populares por moradia e direitos em Pernambuco.

Essas ações antrópicas que aconteceram na orla de Olinda foram motivadas por uma série de fatores, incluindo a necessidade de tornar a cidade mais atraente para o turismo, bem como a preocupação com a preservação do patrimônio histórico e cultural da região.

Ações antrópicas são ações realizadas pelo homem. Porém, nos últimos anos, essa expressão ganhou destaque nas discussões sobre o meio ambiente, visto que as ações humanas têm provocado grandes alterações na natureza e desencadeado um cenário de preocupação entre os estudiosos ambientalistas, a sociedade e o Poder Público.

Entre as principais obras urbanísticas realizadas em Olinda, durante o período escolhido para a nossa pesquisa, podemos citar a construção de novos equipamentos turísticos, como hotéis, restaurantes e quiosques; a pavimentação de ruas e calçadas; a implantação de iluminação pública; e a criação de áreas de lazer e convivência para a população.

Apesar de terem contribuído para a modernização da cidade e para a melhoria da qualidade de vida de seus habitantes, essas ações também tiveram impactos sociais. Em primeiro lugar, elas levaram a um aumento do custo de vida na região, uma vez que o valor dos imóveis e dos aluguéis passou a ser mais elevado (SANTOS, 2016).

Como resultado, as reformas desencadearam o processo de elitização da orla de Olinda, e, por conseguinte, a expulsão de moradores da baixa renda da região, fruto do processo de gentrificação que ocorreu na região. Esse mesmo processo, que gerou a valorização dos espaços e a promoção de medidas de limpeza urbana e do combate à informalidade, acabou por afetar não só os antigos moradores, como os trabalhadores informais, que dependiam da orla para sobreviver. O fenômeno da gentrificação é responsável pela segregação socioespacial vivenciado em áreas urbanas, e que tem como característica a valorização acentuada de determinada área, provocando a saída de moradores antigos, devido ao aumento local do custo de vida.

Essas ações também causaram impactos culturais, uma vez que dezenas de construções históricas foram substituídas por estruturas modernas e padronizadas. Fato este que levou à perda de identidade da cidade e à descaracterização de sua arquitetura urbana. Modificações estas que têm acontecido também em diversos centros urbanos ao redor do mundo, gerando protestos e debates.

Para Bárbara Freitag - Rouanet (2006), brasileira, socióloga e professora emérita da Universidade de Brasília, a megalopolização é um novo padrão de urbanização acelerada e

dotada de características específicas. Esse processo está diretamente relacionado à globalização e tem pouca relação com os processos históricos particulares de cada cidade. Ou seja, independente do seu processo de fundação e dos aspectos socioculturais do local, as cidades estão passando por uma padronização estrutural, que, aos poucos, vai afetando as suas singularidades.

A perspectiva da História Ambiental nos permite entender as reformas na orla de Olinda entre 1970 e 1985 fizeram parte de um processo político, social, econômico e cultural, afinal, como afirmou o jornalista paulista Washington Luís Rodrigues Novaes, profissional pioneiro em pautar temas sobre meio ambiente e culturas indígenas, em entrevista ao site Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (GPJA):

Essa coisa de meio ambiente não existe porque o meio ambiente é tudo... O meio ambiente está em tudo que a gente faz, na nossa vida toda. Não pensar nas chamadas questões ambientais significa deixar os problemas crescerem, e esses problemas são cada vez maiores. (NOVAES, 2023, p. 1)

Nesse sentido, a intervenção na orla de Olinda teve impactos significativos no meio ambiente local, afetando a paisagem natural e a biodiversidade. A destruição de manguezais, por exemplo, causou impactos negativos no ecossistema e na qualidade de vida das comunidades locais que dependiam desses recursos naturais (Fotografia 15).

Fotografia 15 - Vítimas da enchente da Ilha do Maruim, recolhidos em abrigos da Prefeitura



Fotógrafo: Não identificado.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda - Antonino Guimarães (ca. 1980)

Como um fiel defensor da luta pelos menos favorecidos, Josué de Castro, pensador e cientista político recifense, denunciou e buscou combater e desnaturalizar a fome, que segue sendo um empecilho para o pleno desenvolvimento do país. Ao longo de suas obras, como *Geografia da Fome* (1946), o autor nos faz refletir que o que falta, na verdade, é vontade política para mobilizar recursos a favor dos que têm fome. E que o subdesenvolvimento é simplesmente um produto negativo do desenvolvimento, e não a sua ausência.

Outros pontos negativos que os impactos das ações antrópicas causam no desenvolvimento urbano são abordados por Maria Stella Bresciani, como nas questões do aumento da violência e do cerceamento da liberdade de locomoção, ocasionadas pelo aumento da densidade demográfica, em uma determinada região:

Considerar as cidades contemporâneas inóspitas, violentas, quando não degradadas, ao compará-las à situação de um período anterior, por vezes não muito distante, tornou-se, entretanto, um lugar-comum. Certamente, a experiência dos habitantes no dia a dia envolve problemas, de não pouca monta, a serem enfrentados. Violência e transtornos diversos nos deslocamentos entre casa e trabalho constituem partes da dimensão negativa do viver em grandes cidades (BRESCIANI, 2011, p. 1)

A perspectiva da História Ambiental também nos permite analisar as reformas na orla de Olinda como resultado de uma visão de desenvolvimento urbano que não levou em conta a preservação do meio ambiente e dos modos de vida das comunidades locais. Algo corriqueiro, quando tratamos de especulação imobiliária. Segundo Novaes, continuando a entrevista ao site Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (GPJA): “A gente sempre esbarra em uma mesma questão, que são as lógicas financeiras se sobrepondo às chamadas lógicas ambientais”

A História Ambiental nos alerta para a necessidade de se pensar em políticas públicas que considerem a preservação do meio ambiente e dos modos de vida das comunidades locais, como forma de promover um desenvolvimento urbano sustentável e justo. Como afirma Novaes (2023, p. 1), “a preservação ambiental não é contrária ao desenvolvimento, mas sim uma das condições para que este seja sustentável”.

Nessa perspectiva, a História Ambiental nos permite compreender as reformas na orla de Olinda entre 1970 e 1985 como uma intervenção humana no meio ambiente, com impactos significativos na biodiversidade e na qualidade de vida das comunidades locais. Essa abordagem nos alerta para a necessidade de se pensar em políticas públicas que considerem a

preservação ambiental e a justiça social como elementos fundamentais para um desenvolvimento urbano sustentável e justo.

### **3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO**

O e-book é uma ferramenta capaz de ilustrar, por exemplo, as transformações que ocorrem em uma cidade, através da análise imagética, durante um determinado recorte temporal. O seu formato digital é prático e contemporâneo, e dialoga bem com a nossa ideia de divulgar este trabalho, de maneira ampla, a fim de que as pessoas tenham um acesso fácil e rápido à sua leitura.

A escolha do e-book fotográfico nos permitiu aliar a apresentação das imagens selecionadas às nossas observações, baseadas no conhecimento teórico compreendido ao longo deste mestrado. Através do nosso produto, apresentamos uma perspectiva histórica das fotografias, por meio de um olhar mais sensível e humano, sobre os impactos da urbanização da orla de Olinda, na vida das pessoas e do meio ambiente.

#### **4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO**

Este e-book intitulado “Dos conjuntos habitacionais aos arranha-céus: um estudo sobre o impacto da urbanização na orla de Olinda (1970-1985)” é produto do trabalho de pesquisa desenvolvido pelo autor no Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, que tem como principal objetivo suprir a carência de um material que abarque um estudo fotográfico sobre as transformações urbanísticas que aconteceram na paisagem de Olinda, em especial, da sua orla, durante o período de 1970 a 1985.

Neste material, traçamos um panorama histórico de como se desenvolveu o processo de urbanização da Marim dos Caetés, desde a construção dos primeiros conjuntos habitacionais, um dos responsáveis pelo fim das antigas palafitas dos pescadores na região, até a construção dos enormes arranha-céus, que modificaram, para sempre, a paisagem do litoral olindense.

Para fundamentar a nossa pesquisa, foi realizado, paralelo à análise iconográfica de fotografias dos acervos, um estudo dos fatores sociopolíticos, econômicos, culturais e ambientais do período.

Utilizamos imagens tanto de fotógrafos cujos acervos estão presentes, principalmente, no Arquivo Público Municipal de Olinda Antonino Guimarães, como em fotografias disponíveis em sites.

Durante o processo de seleção das imagens para o nosso produto, além dos critérios de recorte temporal e espacial, procuramos identificar as fotografias com melhor qualidade e as dividimos por temas, a fim de facilitar a compreensão do leitor sobre o material apresentado.

Assim, pretendemos destinar o nosso e-book aos pesquisadores e estudantes do ensino superior de História e outras Ciências Humanas, assim como aos representantes de órgãos públicos de Olinda, como uma forma de incentivar a realização de estudos que abordem o desenvolvimento urbano de maneira planejada e sustentável, auxiliando na preservação do meio ambiente e trazendo uma melhor qualidade de vida às pessoas.

## 5. APLICAÇÃO DO PRODUTO

O e-book “Dos conjuntos habitacionais aos arranha-céus: um estudo sobre o impacto da urbanização na orla de Olinda (1970-1985)” traz como inovação a proposta acadêmica de reunir imagens fotográficas da orla de Olinda e discutir as alterações paisagísticas presentes durante o recorte temporal selecionado, bem como destacar os elementos socioambientais presentes nas imagens.

A forma como escolhemos para analisar as imagens que compõem este material, facilitará didaticamente a compreensão do estudo sobre o tema e recortes temporal e espacial definidos.

É importante reiterar que a produção de um trabalho acadêmico na área de História deve abranger tanto os aspectos acadêmicos, como também a função social, visto que é dever do historiador debater a respeito do passado e incentivar a consciência histórica de um povo.

Acreditamos que o nosso trabalho terá uma boa circulação entre pesquisadores e estudantes de ensino superior em História e outras Ciências Sociais. Pretendemos, também, divulgar nosso trabalho entre os órgãos fiscalizadores da cidade de Olinda e de outros municípios que tiverem interesse o nosso tema, levando-se em conta que estamos discutindo o espaço urbano, sobretudo na orla, nosso trabalho, para que possam repensar planos de urbanização mais democráticos e de caráter inclusivo.

Desejamos contribuir para uma melhor compreensão sobre a história da cidade em que vivemos, independentemente de onde se localize, analisando os benefícios e malefícios do progresso naquele contexto social.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado da pesquisa, o e-book que produzimos apresenta o estudo fotográfico sobre os impactos das ações antrópicas no processo de urbanização da orla de Olinda (1970 – 1985). Ao longo do trabalho, observamos que estas ações, aqui estudadas como alterações produzidas pelo homem sobre o meio ambiente, resultaram em consequências tanto positivas, quanto negativas, para a cidade.

Dentre os impactos das ações positivas, podemos citar as obras de calçamento da Avenida Beira-mar; o alargamento da faixa de areia da praia; além de programas de habitação popular, através da construção de conjuntos habitacionais, que davam acesso à moradia, para a população de baixa renda.

No tocante aos aspectos negativos das ações antrópicas, podemos citar as desapropriações que a população de baixa renda sofreu, sob o argumento do governo de promover uma limpeza estética na região; o desmatamento de áreas verdes e a erosão do solo, em virtude das constantes obras no local; o acúmulo do lixo; e a falta da criação de uma rede de esgoto planejada, que acompanhasse o aumento demográfico na área.

Em Olinda, esse processo se sucedeu, principalmente, na região de Casa Caiada, com a construção de imensos edifícios, para abrigar as elites, sedentas por cada metro quadrado da orla. A forma desordenada com que a ocupação imobiliária aconteceu, em especial, na orla de Olinda, prejudicou a implementação de diversas obras que estavam previstas no primeiro plano diretor da cidade, o Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI – 1973).

Desta forma, o nosso trabalho se propõe a alertar que, caso não seja realizado um estudo mais severo sobre os impactos socioambientais que as intervenções urbanas têm provocado no litoral olindense, possivelmente o local se tornará cada vez mais descaracterizado em sua paisagem, sendo uma possível vítima do aquecimento da área, através da perda da ventilação provocada pelas grandes construções, e do descontrole no saneamento básico da região, que causa enchentes das vias públicas etc.

Esperamos, assim, que este e-book seja um pontapé inicial para a realização de diálogos entre o poder público e a sociedade, visto que uma simples mudança de hábito, pode impactar demasiadamente a paisagem do local e o cotidiano das pessoas.

## 7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OLINDA - ANTONINO GUIMARÃES. **Avanço do mar: praia dos Milagres, década de 1960 – “A”**. Olinda, 1960. 1 fotografia.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OLINDA - ANTONINO GUIMARÃES. **Avanço do mar: praia dos Milagres, década de 1960 – “C”**. Olinda, 1960. 1 fotografia.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OLINDA - ANTONINO GUIMARÃES. **Avanço do mar: praia dos Milagres, década de 1960 – “B”**. Olinda, 1960. 1 fotografia.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OLINDA - ANTONINO GUIMARÃES. **Orla de Casa Caiada, aterro (1982)**. Olinda, 1982. 1 fotografia.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OLINDA - ANTONINO GUIMARÃES. **Praia de Casa Caiada (1982)**. Olinda, 1982. 1 fotografia.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OLINDA - ANTONINO GUIMARÃES. **Praia de São Francisco após o Fortim do Queijo, anos 1980**. Olinda, 1980. 1 fotografia.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OLINDA - ANTONINO GUIMARÃES. **Prédios na orla de Casa Caiada, 1983**. Olinda, 1983. 1 fotografia.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OLINDA - ANTONINO GUIMARÃES. **Primeiros conjuntos habitacionais, em Olinda. [s.d.]**. Olinda, [19--?]. 1 fotografia.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OLINDA - ANTONINO GUIMARÃES. **Proteção contra o mar e pedras ao fundo (c.a. 1980)**. Olinda, 1980. 1 fotografia.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OLINDA - ANTONINO GUIMARÃES. **Restaurante Samburá, vista frontal (1970)**. Olinda, 1970. 1 fotografia.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OLINDA - ANTONINO GUIMARÃES. **Vítimas da enchente da Ilha do Maruim, recolhidos em abrigos da Prefeitura. (c.a.1980)**. Olinda, 1980. 1 fotografia.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OLINDA - SIDNEY PASSARINHO. **Orla de Casa Caiada, Olinda/PE, anos de 1983**. Olinda, 1983. 1 fotografia.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Hemeroteca Digital**. Brasília, 2022. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. **Villa Digital**. Recife, 2023. Disponível em: <https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/base-da-villa-digital/iconografia>. Acesso em: 10 jan. 2023.

GOOGLE EARTH. **Maps**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-7.999483,-34.9074638,23325m/data=!3m1!1e3>. Acesso em: 30 jun. 2022.

GRUPO DE PESQUISA JORNALISMO AMBIENTAL (GPJA). **Entrevistas**. Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://jornalismoemeioambiente.com/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

IMS. **Instituto Moreira Salles**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://ims.com.br/>. Acesso em: 25 maio 2022.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Mocambos na orla de Olinda, (1955)**. Poços de Caldas/MG, 2023. Disponível em: <https://ims.com.br/titular-colecao/marcel-gautherot/>. Acesso em: 10 nov. 2022. 1 fotografia.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Visitantes caminhando pela orla, com banhistas ao fundo (1955)**. 2022. Disponível em: <https://ims.com.br/titular-colecao/marcel-gautherot/>. Acesso em: 10 nov. 2022. 1 fotografia.

NOVAES, Washington Luís Rodrigues. Meio ambiente e culturas indígenas. [Entrevista cedida ao] site Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (GPJA). **Jornalismo e Meio Ambiente**. Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://jornalismoemeioambiente.com/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SITE GOOGLE MAPS. **Maps**. São Paulo, 2022, Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-7.999483,-34.9074638,12>. Acesso em: 30 jun. 2022.

TERRA METRICA. **Mapa da cidade de Olinda (2023)**. 2023. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-8.0017348,-34.9488466,33414m/data=!3m1!1e3?entry=ttu>. Acesso em: 10 maio 2023. 1 mapa.

## 8. REFERÊNCIAS

- BARROS, José D'Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Revista MOUSEION**, Porto Alegre, v. 3, n.5, p. 35-67, Jan-jul. 2009.
- BOLAFFI, Gabriel. Habitação e Urbanismo: o Problema e o Falso Problema. *In*: MARICATO, Ermínia (org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil Industrial**. 2. ed. São Paulo: Editora Alfa-ômega, 1982. p. 53-54.
- BOTEGA, Leonardo. De Vargas a Collor: urbanização e política habitacional no Brasil. **Espaço Plural**, Paraná, v. 2, n. 17, p. 66-72, jul./dez. 2007.
- BRESCIANI, Maria Stella. Cidades e urbanismo. Uma possível análise historiográfica. **Politeia-História e Sociedade**, v. 9, n. 1, 2009.
- BRUCE, Fabiana. **Caminhando numa cidade de luz e de sombras: a fotografia moderna no Recife na década de 1950**. 2005. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. Bauru: EDUSC, 2004.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CASTRO, José Apolônio de. **Geografia da fome: a fome no Brasil**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1: Artes de fazer.
- FREITAG, Barbara. **Teorias da cidade**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006.
- GALINDO, Marcos. **Olinda e suas disputas urbanas**. Recife: Editora Universitária, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora Unicamp, 1996.
- LEFEBVRE, Henri. **Introdução à modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1969.
- LIRA, José Tavares Correia de. **Mocambo e cidade: regionalismo na arquitetura e na ordenação do espaço habitado**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP, 1996.

MACEDO, Silvio Soares. **São Paulo, paisagem e habitação verticalizada: os espaços livres como elementos do desenho urbano.** 1987. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 1987.

MARICATO, Ermínia. **A política habitacional durante o regime militar.** Petrópolis: Vozes, 1987.

MAUAD, Ana Maria. 01 Fotografia pública e cultura visual, em perspectiva histórica. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 2, n. 2, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.2220134056>. Acesso em 10 jun. 2022.

MAUAD, Ana Maria. **Sob o signo da imagem: a produção da Fotografia e o Controle dos Códigos de representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX.** 1990. 340 f. Tese (Mestrado em história) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/dssam.pdf>. Acesso em 10 jan. 2022.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. História e fotografia. *In*: CARDOSO, Ciro F.; VAIFANS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história.** Rio de Janeiro, Elsevier; Campus, 2012, p. 263-281.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. História e imagem: iconografia/iconologia e além. *In*: CARDOSO, Ciro Flama-rion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos domínios da História.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 243-262.

MONTEIRO, Charles. História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. **MÉTIS: história & cultura**, v. 5, n. 9, p. 11-23, jan./jun. 2006.

NASCIMENTO, Eliane Maria Vasconcelos do. **Olinda: uma leitura histórica e psicanalítica da memória sobre a cidade.** 2008. 388 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2008.

NORA, Pierre. **Historien public.** Paris: Gallimard, 2011.

NOVAES, Ferdinando. **Olinda, evolução urbana.** Recife: FUNDARPE, 1990.

OLINDA. **Lei Nº 3.826/73:** Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI). Olinda, 1973.

PEREC, Georges. **Espèces d'espaces.** Paris: Galilée, 1974.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 53. 2007.

PONTUAL, Virgínia. **Uma cidade e dois prefeitos: narrativas do Recife das décadas de 1930 a 1950.** Recife: Editora da UFPE, 2001.

POSSAMAI, Zita R. **Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos** – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930. 2005. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. 2. v.

SANTOS, Michele Kely Moraes. **A expansão da verticalização no bairro de Casa Caiada, Olinda/PE (1990 a 2015). 2016.** 160 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SANTOS, Milton. A Cidade e o Urbano como Espaço-Tempo. *In: CIDADE & história - Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX.* UFBA - FAU/MAU. Salvador, 1992. p. 257-262.

9. ANEXO - MOSAICO DO E-BOOK

MOSAICO PÁGS. 01 à 29

<p><b>DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS AOS ARRANHA-CÉUS</b> Um estudo sobre o modelo de urbanização em áreas de risco de deslizamento</p>	<p><b>DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS AOS ARRANHA-CÉUS</b></p>	<p><b>sumário</b></p>	<p><b>A PROBLEMÁTICA</b></p>	<p><b>IN TRODUÇÃO</b></p>	<p><b>CAPÍTULO 01</b> O PRIMEIRO CONJUNTO HABITACIONAL</p>	<p><b>CAPÍTULO 02</b> URBANIZAÇÃO E OCUPAÇÃO DA ÁREA BARRAGEM</p>
					<p><b>CAPÍTULO 03</b> A RECONSTRUÇÃO DA ÁREA E VERTICALIZAÇÃO</p>	
	<p><b>CAPÍTULO 04</b> O COBERTOR DA UCA</p>					<p><b>CAPÍTULO 05</b> O DEBATE DO PROGRESSO - A PRESENTAÇÃO DO ARRANHA-CÉUS</p>
				<p><b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b></p>	<p><b>LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES:</b></p>	<p><b>REFERÊNCIAS:</b></p>